

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Sabão em pó

• O senador José Sarney voltou a irritar o Planalto, onde se pensa que ele agiu de caso pensado, tentando macular a reeleição, quando sugeriu a troca entre a não-privatização da Vale do Rio Doce e aprovação da emenda que permite a recandidatura de Fernando Henrique. O próprio Sarney arrependeu-se, mas o que ele fez foi apenas explicitar uma idéia que transita entre aliados do Governo no Congresso e os operadores da reeleição.

Ele tentou enlamear a reeleição, comparando-a com sua própria batalha pelo quinto ano de mandato, queixou-se um político muito próximo de Fernando Henrique — recordando o alto preço que o ex-presidente pagou ao fisiologismo para ter seu mandato, que era de seis anos, reduzido a cinco (e não a quatro). Mas Fernando Henrique jogou-lhe um balde de sabão de em pó, diz este notável, citando uma marca destas a que a publicidade atribui o poder de lavar mais branco e tirar manchas.

Sarney, depois da frase dita, arrependeu-se. Tentou consertar as coisas mandando dizer que fizera apenas uma ironia. Ora, ironias, quando boas, não precisam ser explicadas. Sarney, que é poeta, faz bom uso das metáforas e também das ironias. Mas não foi o que ocorreu naquele caso. Ele falou alto sobre o que muita gente só cochicha e sobre práticas que não começaram quando ele brigou pelo quinto ano, nem vão acabar porque Fernando Henrique quer.

Mas, depois que o presidente aspergiu detergente sobre a barganha, o que aconteceu?

Embora esteja chovendo muito em Brasília, aumentaram os cavalinhos que cobiçam a grama do Planalto. Depois da fala de Sarney, os ruralistas ameaçaram votar contra a reeleição caso o Governo não recue do aumento do imposto da terra, e a grita contra a venda da Vale subiu de tom no Senado. Já se sabe que a bancada hospitalar também fará ameaças caso haja mudança no SUS. Quase todos no Congresso têm um pleito irresolvido para lançar sobre a mesa. São de toda ordem, desde uma obra até uma nomeação.

Que os votantes queiram barganhar não é prova de que o Governo irá para o varejo. Fernando Henrique e seus amigos juram que não farão isso. A negociação será política e com os partidos. A reeleição tem um limite ético, dizem os tucanos com veemência. Por isso mesmo, talvez devessem estar gratos a Sarney e não irritados com ele. Mesmo tendo se arrependido do que disse, o ex-presidente prestou um serviço ao Governo e ao país, ao chamar a atenção contra o velho costume do toma-lá-dá-cá, que estará mais vigiado.